

DIALÉCTICA DA DISTÂNCIA — NOÇÕES DE LINGUAGEM EM LEONARDO COIMBRA

Ana Catarina Milhazes

Instituto de Filosofia - Universidade do Porto.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto

(351) 226 077 100 | ifilosofia@letras.up.pt

Resumo: Para Leonardo Coimbra, a ordem do mundo vem por graça de Deus – tudo o que ocupa o seu lugar e respeita a ordem é o *bem*, tudo o que está fora do seu poiso e quebra a ordem é o *mal*. É por esta razão que as coisas não podem ser julgadas por si, mas apenas na ordem da relação. As coisas têm de estar ligadas, unas, mas a união, como a entende Leonardo Coimbra, não é compressão; é antes *tolerância espacial*: a união depende da distância. A harmonia cristã do *logos* e do *bios*, da *letra* ao pé do *espírito*, exige uma *dialéctica da distância*, alcançada por Leonardo Coimbra nas suas reflexões acerca da filosofia e da poesia/literatura. A dialéctica leonardina pressupõe distinguir as partes sem as separar, uni-las sem as confundir. Tem por isso um carácter metodológico, embora o seu alcance pretenda ser primeiramente prático. Por aqui chegará Leonardo Coimbra à cristologia da acção.

Palavras-chave: Leonardo Coimbra, filosofia, poesia, literatura.

Abstract: Leonardo Coimbra believed the order of the world comes through the grace of God. Everything that respects its place is *good* whereas everything that it's out of its place is *bad*. For this reason things should not be judged single-handedly; they should be judged in relation to one another. Things have to be connected, united, though union must not be confused with compression. In Leonardo's perspective, union is *spatial tolerance* – union depends on distance. The christian harmony between *logos* and *bios* demands a *dialectic of distance*, which is achieved by Leonardo in his considerations about philosophy and poetry/ literature. Dialectics presupposes distinguishing parts without separating them, unite the parts without confusing them. This is the reason why dialectics envisages a methodology, even though it has a practical purpose in the first place. This is the pathway which will lead Leonardo to the christology of action.

Keywords: Leonardo Coimbra, philosophy, poetry, literature.

Leonardo Coimbra utilizou conceitos e disciplinas muito díspares – nem por isso os fundiu. Propondo-me falar sobre a proximidade entre filosofia, literatura e vida espiritual na sua obra, nem por isso pretendo dizer que elas são uma e a mesma coisa; mas gostaria que se tornasse claro como, a meu ver, elas convergem para o mesmo fim, em Leonardo Coimbra. Creio que é do maior interesse que, num congresso sobre as relações entre a filosofia e a literatura, se evidencie que, apesar de todas as vezes que cada uma delas quebra os seus limites e se aproxima da outra, elas não se fundem – mas creio que se ajudam uma à outra. Aliás, era bom que mais investigadores tivessem mais vezes presente o quanto as disciplinas se podem ajudar entre elas – sem necessariamente perderem a sua identidade, que é coisa que preocupa demasiado os puristas, por vezes disfarçados com o título de *especialistas* (Leonardo Coimbra, aliás, não se achava nada especialista – se por vezes se designava como filósofo era porque entendia que este era aquele que questionava incessantemente, como Leonardo sempre fez – nem gostava particularmente da especialização¹).

Leonardo Coimbra procurou aproximar conceitos que a modernidade tem visto muitas vezes como opostos. É o caso dos pares acção/ pensamento, experiência/ razão, corpo/ espírito, matéria/ ideia, significante/significado, etc. E, aproximando conceitos, aproximou disciplinas. Há uma tendência fácil – mais se diria *facilitista* – para, ao aproximar, fundir. Leonardo Coimbra procurou o paradoxo – muito cristão – de unir sem confundir, de juntar as partes sem as fundir. Fê-lo progressivamente de modo mais convicto e afirmado, à medida que se aproximava voluntariamente do catolicismo ortodoxo. O enraizamento penetrante no mistério cristão – não quero agora particularizar a influência da ortodoxia católica – permitia a Leonardo dar-se conta da grande profundidade daquilo a que se referia Santo Agostinho, quando dizia que as partes se separavam para que fossem melhor unidas. Para os cristãos, ao contrário dos judeus e dos muçulmanos, o Verbo é uno e trino, as suas partes distinguem-se (são três pessoas) sem se separarem (numa só unidade). Além do mais, as naturezas das partes diferem, sem que difira a essência que partilham. E, mais ainda, o Verbo, para o cristão, é, numa mesma figura (na figura de Cristo), fundo e forma – e, embora na mesma pessoa, fundo e forma são distinguíveis sem serem

¹ Sobre o que pensava Leonardo acerca da especialização e dos especialistas cf. Catarina MILHAZES, “Obras Completas de Leonardo Coimbra, vol. VIII” in *Revista Pontes de Vista* (versão online), nº1, 2015, ISSN 2183-5179, p. 3, disponível em <http://revistapontesdevista.com/2015/04/07/obras-completas-de-leonardo-coimbra-vol-viii/3/>.

separáveis. Isto procurava Leonardo Coimbra entender melhor, desde que pretendeu defender a cooperação entre a razão e o sentimento, entre a ciência e a experiência, o que aconteceu logo no início dos seus esforços (não digo apenas filosóficos porque a defesa desta cooperação se encontra também nos seus esforços políticos, pedagógicos, antropológicos e, necessariamente, nos seus esforços espirituais).

Entre algumas noções de linguagem que se encontram na obra do filósofo, importa-me agora, tendo em conta o que disse antes, considerar a noção de dialéctica da distância², que Leonardo percebeu ser necessária para o funcionamento da linguagem (falo de linguagem, implicando que o que se diz também se aplica à língua). A ordem, que tem, em Leonardo Coimbra, equivalência com o bem, estabelece-se nessa gestão da distância, na qual as partes não se fundem, mas estabelecem entre si uma *relação*. Pelo contrário, o mal é a relação quebrada, essa gestão da distância baralhada. Assim como o pensador português compreendeu que para viver é preciso olhar bem a morte³, assim também compreendeu que para obter a união era preciso gerir a distância. A Dor, o segundo estágio da experiência humana, de acordo com a concepção de Leonardo Coimbra – os outros são a Alegria e a Graça – é o sinal da relação quebrada. Por vezes, tem-se sugerido que a Dor é o momento de distração e de desatenção; não é: a Dor é justamente o grande momento da atenção. Aliás, num certo sentido, é o único dos três, porque a Alegria é o momento da distração por excelência – tudo está pronto e patente – e a Graça é igualmente distração, pois, neste estágio, a relação com o mundo foi *naturalizada*, tornando-se a *Alegria reencontrada*. Mas, voltando à ordem: a ordem depende de uma *tolerância espacial* entre as partes. Essa tolerância é sobretudo uma gestão entre o fundo e a forma, fazendo-os cooperar e evitando a sobreposição de um sobre o outro, ao ponto de se tornarem num só (no predominante). É por isso que Leonardo Coimbra defende que tudo o que se faz de mal (contra a ordem) se faz contra o Verbo e, inversamente, tudo o que se faz de bem (pela ordem) se faz pelo Verbo. E, como

² A designação “dialéctica da distância” é minha, não de Leonardo Coimbra. Muitas das reflexões do filósofo que podem ser sistematizadas não têm uma designação própria ou, pelo menos, não são designadas com rigor ou sempre com a mesma expressão. A designação que imponho à reflexão, que me proponho sistematizar, pretende naturalmente determinar o campo da noção e, de alguma forma, conotá-la com uma certa síntese através do nome.

³ Cf. nomeadamente as obras do autor *A Morte e A Luta pela Imortalidade*, e cf. também Ana Catarina MILHAZES, *O Drama Amoroso em Leonardo Coimbra: uma retórica*, publicado no Repositório online da UP, 2014, “No princípio, a Morte”, pp. 6-26, disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/76484/2/101768.pdf>.

disse anteriormente, o Verbo, para os cristãos, é fundo e forma; e, como tal, respeitar a ordem e conseguir o bem é conseguir que fundo e forma se ajudem um ao outro.

A dialéctica da distância tem, por isso, um carácter metodológico, de atenção à relação entre fundo e forma, mas terá também um carácter prático, na medida em que a reflexão que Leonardo faz sobre *a carne ao pé do espírito*⁴ se estende à questão da relação entre o *logos* e o *bios*, estabelecendo um comprometimento entre ser e estar, e entre pensar/dizer e fazer. Já desde “O Pensamento e a Liberdade” se antecipa a noção de pensamento como acção, insistindo numa dimensão activa da filosofia. Ser e estar, dizer e fazer eis o que Leonardo Coimbra queria ter encontrado mais em alguns filósofos, embora aparentemente encontrasse mais frequentemente nos poetas e na literatura.

Os escritos iniciais do filósofo mostram-nos que a afinidade era, de início, maior com a literatura do que com a filosofia (alguns desses textos encontram-se mais próximos do género da crónica romântica e moralizante do que do texto filosófico⁵) – creio que porque, na literatura, o comprometimento entre *logos* e *bios* era mais claro, para Leonardo. É porque não encontra o entendimento entre *logos* e *bios*, ou porque o encontra *desalinhado*, em muitos sistemas filosóficos e em muitos filósofos que Leonardo Coimbra, por vezes, mostra relutância em aceitá-los como tal. Porém, é comum que outros sem aparente autoridade, como autores de literatura, poetas ou figuras literárias, sejam reconhecidos como filósofos, ou antes (darei eu) como *filósofos superiores*, para que se acentue a elevação deles. Não é por acaso que alguns dos pensadores que entusiasma a reflexão filosófica e a disposição espiritual de Leonardo são tantas vezes poetas ou personagens literárias: é o caso de Antero, de Junqueiro, de Camões, de Pascoaes, de Antígona, de D. Quixote, etc.⁶ Para Leonardo Coimbra, a *filosofia superior* (que eu chamo *superior* para distinguir da outra, mas que, para Leonardo seria apenas a *verdadeira* filosofia) é aquela que respeita a ordem e faz cooperar o ser e o estar, o dizer e o fazer. A filosofia superior não cessa numa

⁴ Leonardo COIMBRA, *OC - Vol. III, “A Alegria, a Dor e a Graça”*, pp. 70-1.

⁵ Manuel Cândido PIMENTEL, *Obras Completas de Leonardo Coimbra – volume I, tomo I*, Lisboa, INCM, 2004, “prefácio”, p. 58.

⁶ Ângelo Alves considera que Antero e Junqueiro tiveram manifesta influência na disposição espiritualista de Leonardo. Desde a novela *A Doida*, texto inicial, fica marcada essa influência dos dois escritores portugueses. Não obstante, Leonardo estava, nesse período, claramente entusiasmado com o pensamento de Émile Boutroux, que todavia não transparece tanto no seu texto. Leonardo admite, num texto de 1909 (*O Materialismo*) que a sua conversão ao espiritualismo em muito se deve a Antero – e isto possivelmente ainda antes de estabelecer contacto com o pensamento de Boutroux e de Bergson (Ângelo ALVES, *Leonardo Coimbra 1983-1936*, Porto, Estratégias Criativas Editora, 2007, pp 40-4).

logicização do mundo, mas abraça o mistério, o mistério infinito onde a razão não penetra completamente. Querendo focar-se no mistério, o seu texto concentra uma forte dimensão literária, posto que a literatura se empenha afincadamente na contemplação do mistério. A linguagem poética, sobretudo, convém ao que de mais sublime há no discurso. Como assinala Manuel Cândido Pimentel, na obra do filósofo, a problemática do mistério “mobiliza o melhor da linguagem poético-filosófica de Leonardo”. Por toda a sua obra percorre uma meiguice literária, “onde o estilo, de maneira constante, mistura a linguagem emotiva do sentimento com o mais rigoroso raciocínio filosófico, em sucessivas transmutações da ideia pela metáfora e da metáfora pela ideia”.⁷

Leonardo lamentou que a filosofia fosse tantas vezes uma abstração do real; uma abstração incapaz de voltar a ele, porque é natural que a reflexão nos retire um pouco do mundo – mas, em Leonardo, é só para voltar a ele que reflectimos; se falharmos nesse retorno, de nada serviu a abstracção (ou pior, serviu para agravar os nossos egos). A filosofia, para o pensador português, deve, como as restantes disciplinas, ajudar a penetrar no mistério e tornar quase supérfluo o esforço da razão – no limite, a lógica serve para nos sabermos libertar dela. O mistério, para os gregos, servia para distinguir os sábios dos leigos e dos charlatões; a Leonardo Coimbra serviu-lhe para ser caluniado, confundido com os ignorantes e com os verbalistas, porque, quando o filósofo procurava essa tangente em que a razão se torna volátil, era acusado de excesso de *espiritualismo* e de *sofismo*⁸. À filosofia (comparativamente à poesia), entendia Leonardo, custava-lhe mais aperceber-se da *tolerância espacial* entre os aparentes dualismos do fundo e da forma, do codificar e do descodificar, da razão e da experiência, do pensar e do fazer. Porquê? Porque a poesia e a literatura estão mais cientes de que a forma depende da matéria (mas não é a matéria) para se fazer conhecer, e de que a matéria existe pela forma mas não é a forma. A literatura, particularmente a poesia, é talvez a actividade que tem mais presente a ideia de que o mundo é construído como símbolo.⁹ Por isso é que, para

⁷ Manuel Cândido PIMENTEL, *A ontologia integral de Leonardo Coimbra – Ensaio sobre a intuição do ser e a visão enigmática*, Lisboa, INCM, 2003, p. 38.

⁸ “Os mais acirrados adversários de Leonardo [...] afirmaram que Leonardo era um charlatão do verbo e não um pensador. [...] Deve reconhecer-se que a operação publicitária montada e a seu tempo desenvolvida pelos inimigos do filósofo teve um razoável sucesso” (Manuel Ferreira PATRÍCIO, *A Pedagogia de Leonardo Coimbra – Teoria e Prática*, Évora, Universidade de Évora, 1983, p. 26).

⁹ “[...] a relação próxima entre poesia e enigma nunca se perde por completo. Nos *skalds* islandeses a clareza excessiva é considerada um erro técnico. Os Gregos também exigiam que a palavra do poeta fosse obscura. Entre os trovadores, em cuja arte a função de jogo é mais evidente do que noutra

Leonardo, a mentira literária, como a mentira infantil, é criadora¹⁰ – é que, tendo presente essa distância de cooperação entre o fundo e a forma, entre o conteúdo e o continente, respeita a verdade não como categoria lógica mas como mistério, posto que está sempre patente e latente simultaneamente. A distância estabelece um jogo de adivinhação entre o que se mostra e o que se oculta. A dialéctica da distância na linguagem gere a relação entre fundo e forma como gere também a relação entre o esotérico (que se ocupa do fundo) e o exotérico (que se ocupa da forma).

Por outro lado, Leonardo Coimbra considerou importante a ideia da selecção – nós não falamos apenas: *aprendemos* a falar. Para o filósofo, aprender – como se poderá comprovar pela pedagogia leonardina – é seleccionar. Isto significa que, na aprendizagem, há um contrabalanço entre a obediência e a desobediência. Aprender uma língua é tanto acatar a sua dimensão tradicional, que nos é oferecida, quanto desconsiderá-la e reinventá-la, perceber as suas lacunas e operar sobre elas. Como é sabido, a escrita literária é a mais desobediente. Por alguma razão se chamam, por vezes, figuras literárias às figuras de retórica. As figuras de retórica são muito frequentes na utilização da língua, mas o seu uso mais abundante e mais intencional encontra-se no texto literário. E, se tivermos em conta que as figuras são *erros* de linguagem, o texto literário é *intencionalmente* o mais desobediente. É nesse sentido que é também o que mais guerras abre com as verdades absolutas – com o *cousismo*, afinal. É nesse jogo entre a tradição e o infinito, a contenção e o excesso, que a literatura combate tanto a língua quanto luta por ela.

O que Leonardo Coimbra diz sobre a língua tem extensão ao que pensa sobre a linguagem de um modo geral. Assim, o que observamos na linguagem literária, na língua, observamos igualmente em outras linguagens, quer utilizem a língua ou não. A reinvenção da linguagem tem claramente mais ênfase nas linguagens artísticas, isto é, em todas as linguagens passíveis de se transformarem radicalmente – não obstante, todas elas são, porventura, disso capazes. Portanto, não é tanto uma linguagem privilegiada face a outra, é o que cada disciplina é capaz de fazer com a linguagem que adopta. A arte, tendo Leonardo Coimbra particular afecto pela literatura, é capaz de se baralhar ao ponto de quase não se reconhecer – digo *quase*,

qualquer, atribuíam-se mérito especial ao *trobarclus*, a poesia de significado oculto” (Johan HUIZINGA, *Homo Ludens*, Lisboa, Edições 70, 2003, p. 156).

¹⁰ Leonardo COIMBRA, *OC – vol. III*, “A Alegria, a Dor e a Graça”, p. 52.

porque acaba por se reconhecer, uma vez que, implicando uma selecção, desrespeita tanto quanto enaltece o existente.

A proximidade e o diálogo que Leonardo Coimbra estabeleceu entre a filosofia e a literatura auxiliaram o seu caminho para a fé. Como vimos, a literatura contorna os modos de estagnação, de logicização e, por extensão, de *cousismo*, dos quais sofre, por vezes, a filosofia (sobretudo sofreu no tempo áureo do positivismo, que era o de Leonardo). A filosofia pecou pelo excesso de *materialismo*, não obstante a sua abstracção também tantas vezes excessiva – é que, paradoxo enorme, em muitos dos sistemas filosóficos comentados por Leonardo Coimbra, a *abstracção materializava-se*. A filosofia dificilmente voltava ao mundo; na sua trajectória tinha perdido o real. A literatura, pelo contrário, era uma ajuda maior no retorno à vida. Dito de um modo simples: à filosofia custava-lhe voltar à vida; a literatura nunca a tinha realmente abandonado. É desta antonímia que Leonardo Coimbra parece ter tirado vantagem para pensar no que poderia ganhar a filosofia estando mais próxima da literatura – creio que é por ter tido as duas tão próximas que a filosofia de Leonardo é cada vez mais progressivamente uma *vida filosófica*. Há um espaço sensorial, na literatura, que nos aproxima da vida – o tempo que perdemos com a leitura de romances ou de poesia não é tempo que perdemos na vida real, é o sinal do tremendo desejo que temos de estar mais dentro dela. Mas uma nota para isto: alguma filosofia faz também isto, e seguramente muita literatura – talvez não tenha este nome – não o faz. Com efeito, para Leonardo, a filosofia que o faz está mais próxima da literatura. Não há superioridade nenhuma neste julgamento. O caso é simples: a literatura apoia-se mais na imaginação, a filosofia, mais na razão; a literatura brinca com o infinito; a filosofia tenta atravessar o mar do infinito para torná-lo finito; a literatura está mais vulnerável ao *criacionismo*, a filosofia, mais vulnerável ao *cousismo*. A lógica, no limite, é a doença¹¹; a poesia, a cura. Não obstante a matriz racionalista da sua filosofia, Leonardo converge para o ponto em que o pensamento se transmuda em contemplação, exigindo uma linguagem diferente da de rigor conceptual e, no limite, um abandono da linguagem. Como dizia Chesterton, e creio que Leonardo Coimbra concordaria, “o poeta pretende, apenas, meter a cabeça no Céu, ao passo que o lógico se esforça por meter o Céu na cabeça. E é a cabeça que acaba por rebentar”¹². A filosofia que sabe retornar ao mistério do infinito, da vida, é por isso uma *filosofia*

¹¹ Refiro-me à lógica num sentido geral, no sentido da congruência exigida num sistema filosófico.

¹² G. K. CHESTERTON, *Ortodoxia*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1974, 5ª edição, pp. 38-9.

superior. *Superior* porque se liberta da abstracção e se torna uma *vida filosófica*, combinando o *logos* e o *bios*. Nisto, Leonardo Coimbra deve ter percebido que estava muito próximo do cristianismo primitivo. Para Orígenes, existe uma equivalência entre o exercício da filosofia e a *vida digna*. Gregório de Nissa, um dos três padres capadócijs, chama constantemente ao cristianismo “a vida filosófica”. A filosofia superior que o cristianismo recolheu dos gregos não era a mera abstracção; a filosofia superior aproximava-se, nos gregos, da religião *mistérica*, dos iniciados nos mistérios, os sábios. Como disse antes, os outros, da verdade como simples aparência (*doxa*), eram os charlatões, os verbalistas, como lhes preferiu chamar Leonardo Coimbra. Há, nos gregos, como é sabido, uma diferença abissal entre a aparência da verdade (*doxa*) e a verdade (*aletheia*). Esta diferença foi recolhida pelo cristianismo e a ligação entre verdade e mistério ficou profundamente cravada – o mistério que tinha um sentido metafórico para os gregos tornava-se, com os padres capadócijs, uma coisa real. O mistério, essa tangente em que a razão se torna vulnerável, definhada, absurda e supérflua, é, no cristianismo, real. Tão real que pode ser vivida. *Mistério* é uma palavra recorrentíssima, na obra de Leonardo Coimbra.¹³ O filósofo procurará, pois, na fé a verdade do mistério, que combina o *logos* e o *bios*.

No cristianismo, a verdade é uma pessoa, é uma vida. Leonardo sabia-o: “Para o cristão, a Verdade é uma Pessoa, que é ao mesmo tempo Caminho, Verdade e Vida”¹⁴. O particular afecto que Leonardo tem pelo Evangelho de João, várias vezes citado nas suas obras e discursos, é sinal do seu interesse por uma cristologia da Revelação que é também uma cristologia da Acção. A sabedoria, que a filosofia busca, é, para o autor, a pessoa de um homem. O *logos* e o *bios* são combinados no Evangelho de João: “E o Verbo fez-se homem e veio habitar connosco”. Conhecer, para Leonardo, é encontrar a pessoa que é Cristo. E qual o trajecto desse conhecimento? A vida de Cristo. Só há uma forma de conhecer Cristo: é *viver em* Cristo (tomar a Sua Cruz). Só há uma forma de conhecer a verdade: é *viver* a verdade. A verdade não é para ser vista do exterior, tipo objecto de laboratório, mas no interior. A verdade de Leonardo Coimbra, que é

¹³ Há uma obra de Leonardo com este título, de 1910. O mistério é, para o filósofo português, essa coisa que, no abismo da treva, aparece como oceano de luz. É toda a potência, e é também o irracional: a realidade superior aos conceitos existentes. O irracional tem, com efeito, certa equivalência com a liberdade, em Leonardo Coimbra. O mistério, irracional e incomensurável, é a vida imediata, pronta, penetrante. Não esqueçamos que o incomensurável, naquilo que tem de convergente com a liberdade, está na origem dos esforços filosóficos de Leonardo. A concepção da filosofia como liberdade, remetendo para um mistério incomensurável, surge pensada desde 1907; não é sequer qualquer coisa que vem com o criacionismo – é a raiz dele.

¹⁴ Leonardo COIMBRA, *OC – vol. VI*, Lisboa, INCM, 2010, “O Problema do Ensino Secundário”, p. 387.

crisã, é aquela que nos faz ter a cabeça no céu, e não o céu na cabeça (porque o céu não cabe na cabeça). Tem de se estar lá dentro; não dá para ficar com mira sobranceira a olhar de fora; tem que se dar a vida por ela; não dá para separar a vida dela; “quem perder a sua vida ganhá-la-á”. Tudo o que se faz de bem se faz pelo Verbo. Não se pode estar fora da ordem e compreendê-la; para a compreender, tem de se estar dentro dela.